ISSN: 2358-8829

A LITERATURA INFANTIL COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NO CONSTRUTO DAS EMOÇÕES DE CRIANÇAS COM TEA

Eliane Quirino Ramalho [1]
Lidiane Quirino Ramalho[2]

INTRODUÇÃO

Pensar a psicopedagogia e a literatura é pensar sobre a possibilidade de usar um instrumento de observação e análise capaz de fazer com que a criança pense, reflita, compreenda e desenvolva suas próprias emoções. É necessário considerar que, um número significativo de crianças com TEA, pode apropriar-se do universo literário o suficiente para desfrutar de suas possibilidades de interpretação, inferência e reflexão.

Dessa forma, nos debruçamos sobre a seguinte questão: é possível que uma criança autista compreenda suas emoções e as emoções de outras pessoas, a partir da análise emocional de personagens da literatura, fazendo comparações ou mesmo identificando essas emoções em situações do seu dia a dia?

O presente trabalho tem como objetivo geral apresentar a literatura infantil como instrumento psicopedagógico de intervenção no construto das emoções em crianças com Transtorno do Espectro Autista (nível 1 de suporte). E busca refletir também, como a literatura pode ajudar o profissional da psicopedagogia no processo de avaliação e intervenção de crianças com transtorno e/ou dificuldades de aprendizagem.

Além do levantamento teórico, foram realizados dois estudos de caso com crianças do sexo masculino, uma criança com 8 anos de idade e a outra com 10 anos. Estudantes de escolas públicas e em atendimento psicopedagógico. Para melhor organização desse estudo, a história do Pequeno Príncipe ganhou destaque nas intervenções por atrair a atenção das crianças e por conter elementos emocionais e sociais significativos.

Levando em consideração a importância desse trabalho, sabe-se que a amostra é considerada relativamente pequena para responder a complexidade das questões que envolvem a temática, mas espera-se que outros trabalhos sejam realizados, testados e

[1] Professora do AEE, ellianequirino@gmail.com
[2] Professora de Graduação - FACSU. lidianeramalho64@hotmail.com

ISSN: 2358-8829

replicados para que tenhamos a segurança de usufruir mais frequentemente da literatura como ferramenta de trabalho psicopedagógico.

A psicopedagogia tem construído seu arcabouço teórico a partir dos desafios que os sujeitos enfrentam para consolidar seus processos de aprendizagem. Portanto, o diálogo com outras áreas do conhecimento e ciências alicerçam o trabalho de avaliação e intervenção psicopedagógica. Amplia-se dessa forma, a possibilidade de enxergar o sujeito a partir de suas várias estruturas: sociais, culturais, cognitivas e emocionais. Muitas vezes, o aluno não consegue aprender a leitura, a escrita e os cálculos matemáticos, não por falta de requisitos intelectuais, mas sim por bloqueios e inibições no pensar, gerados por problemáticas afetivas e ou emocionais.(CHAMAT, 2008, p.30).

Entende-se que psicopedagogia pode fazer uso constante de elementos que envolvam a leitura, que vão desde a aprendizagem de ler palavras e frases, a escrita mais elaborada, como observar como cada sujeito infere sobre o texto, projetando, até mesmo, suas emoções, sua cultura e o contexto em que vive. Nesse caso, a criança lê, ou escuta, observa as imagens, antecipa acontecimentos, interpreta o comportamento e as falas das personagens, formula hipóteses, observa a construção de um conflito e propõe soluções. Além disso, as crianças são aprendizes ativos que estão interessados em formar hipóteses sobre o mundo. O seu mundo aumenta quando interagem com objetos e pessoas (ROGERS, 2014, p, 03). No entanto, “os processos de leitura profunda levam anos para se formar, e nós, enquanto sociedade, precisamos estar atentos para seu desenvolvimento em nossos jovens desde muito cedo”. (WOLF, 2019, p. 52).

O autismo é um transtorno de neurodesenvolvimento que afeta o sujeito em áreas relacionadas a linguagem, comportamento e relações sociais. Os primeiros sintomas do autismo sugerem que o sistema cerebral que apoia a aprendizagem de competências sociais e linguísticas não se desenvolve normalmente. (ROGERS; DAWSON, 2014, p.04)

O TEA, pode inibir alguns comportamentos que potencializam as habilidades do sujeito. Há uma visão de que, após a apresentação de uma folha contendo o laudo médico pode-se “descansar”, pois o resto será explicado pela apresentação frequente do decreto onde está escrito o motivo de determinadas aprendizagens não serem concretizadas. Considerar o laudo é importante, sem ele, o autismo poderia ter

permanecido sem diagnóstico, sem tratamento, simplesmente ignorado. (GRANDIN, 2013, p. 117).

A literatura científica tem provado veementemente que é preciso olhar o sujeito além da sua condição neurológica, pois, dadas as estimulações corretas, qualquer indivíduo é capaz de aprender. Nas crianças com autismo, quanto mais cedo começarmos a intervenção melhor conseguiremos capitalizar a imensa plasticidade da aprendizagem, durante os primeiros meses e anos de vida. Quanto mais progressos a criança com autismo fizer nos anos pré-escolares, menos prejuízos cognitivos, comportamentais e emocionais terá mais tarde. (ROGERS, 2015, p. 44).

METODOLOGIA

O presente artigo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, com destaque para dois estudos de caso realizados em um contexto de atendimento psicopedagógico. Os estudos de caso proporcionam uma observação mais criteriosa na busca por compreender o comportamento, os significados, a comunicação, as múltiplas expressões físicas e discursivas, não detectáveis em testes padronizados numericamente. Para Yin (2001, p. 32), ao descrever os estudos de caso, afirma que é "um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidos".

Nesse caso, a literatura pode fazer com que as crianças coloquem sua atenção nas intenções, no comportamento e no diálogo das personagens e descubram aspectos que podem ser interpretados a partir das suas próprias vivências. Assim, a literatura pode e deve ser apreciada por crianças com TEA.

Os estudos de caso envolveram dois meninos, um de 8 anos e meio e outro de 10 anos, cujos laudos descrevem a presença do autismo, de nível 1 de suporte, respectivamente. Ambos foram identificados com autismo desde os 5 anos de idade, pois apresentavam fortemente a tríade diagnóstica: falta de interação social, baixo nível comunicativo e estereotipias motoras. Com relação à fala, como já estavam passando por diversos profissionais como o fonoaudiólogo, foi possível perceber que já dominavam a linguagem verbal e não havia confusão ou problemas no processo de compreensão.

Alunos de escolas públicas, situadas em municípios diferentes. As famílias possuíam a mesma constituição familiar: pai, mãe e filho. Os meninos foram

identificados pelas letras G e W.[3] As sessões ocorreram no período da tarde, pois no período da manhã, estavam nas escolas.

Para o estudo em questão, a literatura escolhida foi "O pequeno príncipe", pois ambos mostraram interesse no livro, quando o viram na estante da sala e pediram para folheá-lo. No entanto, o livro havia sido deixado propositalmente, pois para a pesquisa, era necessário um tema capaz de fazer com que as crianças percebessem as emoções envolvidas no diálogo do Pequeno Príncipe, especialmente, com a rosa e a raposa.

No início do estudo, foi considerado que duas sessões com cada criança seria suficiente, no entanto, como a flexibilidade é um conceito presente na prática psicopedagógica, achou-se necessário estabelecer um número mínimo de sessões para melhor coleta de resultados e observar as inferências dos meninos sobre a história. Dessa forma, estabeleceu-se 4 sessões para o trabalho com a literatura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante 4 (quatro) sessões foi possível observar as reações e os comportamentos das crianças diante da história do Pequeno Príncipe. A criança G, chegou pontualmente às 14h, veio junto com sua mãe, que ficou na recepção, enquanto estávamos na sessão psicopedagógica. Para G. não há problemas em entrar sem a mãe, pois sente-se seguro ao ponto de pedir para a mãe ir resolver qualquer outro assunto, se precisar.

Como já havia sido alfabetizado, pedi que fizesse a leitura, mas pediu que eu fizesse. No momento que falei sobre o pequeno planeta e a rosa, G. comentou que era impossível viver em um planeta sem casa, que o Pequeno Príncipe era "burro demais". Deixei que se expressasse da forma que quisesse, pois era importante saber suas impressões sobre a leitura. Ao longo da história G, ficou indignado com o "rei sem súditos", que ele descreveu como "incompetente". As crianças são muito curiosas e observadoras, na maioria das vezes, enxergam o que, para os adultos, passa despercebido. (FONSECA, 2012, p. 94). Outro fato que chamou a atenção de G., foi o comportamento do Pequeno Príncipe com a rosa, pois percebia "crueldade nela", primeiro disse que rosa não falava e se, aquela falava, deveria ser deixada para ser colhida por um estranho e ir parar em um buquê.

[3] Os nomes das crianças foram substituídos por nomes fictícios, a fim de preservar sua identidade, privacidade e integridade, garantindo o anonimato dos participantes da pesquisa.

ISSN: 2358-8829

Na semana seguinte, tivemos mais uma sessão, sempre no horário da tarde. Dessa vez, a ideia era descobrir que amigos o Pequeno Príncipe fez e qual seria seu melhor amigo dentro da história. Para G., era impossível fazer amigos em países tão pequenos. *"Acho que nenhum vale a pena, vão brincar de que? Nem brinquedo tem? E cadê a mãe e o pai? Eu tenho um monte de amigos na escola. Mas só brinco com o Lucas, a gente joga minecraft"*.

Na perspectiva de G. os personagens que aparecem na história não possuem atributos para serem amigos, "não tem com quem brincar". Imediatamente, lembrou-se dos amigos da escola. É importante entender qual o real significado de amigos que G. foi construindo ao longo da sua vida. Aqui, um amigo de games é mencionado, mas é preciso saber o conceito que construiu sobre amizade. As crianças com autismo manifestam um déficit socioemocional acentuado, o que as impede de se relacionarem, a longo prazo, de desenvolver e de manter relações sociais baseadas em troca mútua de afeto, de solicitude e de interesses compartilhados. (DUMAS, p. 104, 2011).

No dia e no horário marcado, W. chega com seus pais. Como já se acha "independente", logo pede que seus pais venham buscá-lo depois. Na sessão, não consegue manter-se sentado. Tudo indica que há características que indicam a presença do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Como já havia, ele mesmo, lido outros livros, perguntei se gostaria de fazer a leitura, mas respondeu afirmando que essa leitura parecia ser "chata" e que não queria ler. Ao iniciar a história, W. perguntou se o Pequeno Príncipe estava triste por morar em um planeta tão pequeno, depois disse "se no planeta só tem a rosa, é claro que ela é a melhor amiga dele".

No início, W. mostrou-se indignado por ninguém ter percebido que aquela não era um chapéu, seguindo ele "*dá pra ver de longe que uma cobra comeu um elefante, só pode ter sido uma criança que disse isso*". Mesmo mostrando interesse na história, permaneceu andando na sala e mexendo as mãos. Parecia estar o tempo todo indignado com o personagem principal da história, permaneceu questionando suas atitudes, seus sentimentos e sua falta de atenção sobre os outros personagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que, de fato, a literatura pode levar a criança, com autismo, a olhar mais profundamente sobre suas próprias emoções e compreender as emoções de outras crianças, de sua idade ou não, e de outras pessoas. No entanto, é preciso dedicar tempo e

observação no momento de analisar o pensamento das crianças a partir da literatura. A psicopedagogia vem a ser essa área que pode identificar a literatura como um instrumento de avaliação e intervenção eficaz no trabalho com crianças neuro divergentes.

Além disso, duas ou mais crianças podem ouvir as narrativas e construir interpretações distintas. Algumas podem concentrar-se nos elementos visuais, outras nos diálogos contidos na história, há aquelas que colocam sua atenção sobre as situações, o comportamento. A interpretação de cada criança constituem-se como modos particulares de significados e experiências literárias, o que amplia a experiência com os livros e suas narrativas.

Palavras-chave: Psicopedagogia; Literatura; Autismo; Emoções.

REFERÊNCIAS

CHAMT, Leila Sara José. **Técnicas de intervenção psicopedagógica: para dificuldades e problemas de aprendizagem**. São Paulo: Vetor, 2008.

DUMAS, Jean E. **Psicopatologia da infância e da adolescência**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FONSECA, Edi. **Interações com os olhos de ler**. São Paulo: Blucher, 2012.

GRANDIN, Temple. **O cérebro autista: pensando através do espectro.** Rio de Janeiro: Record, 2013.

ROGERS, Sally J. **Autismo: compreender e agir em família**. Lisboa: Lidel: 2015.

ROGERS, Sally; DAWSON, Geraldine. **Intervenção Precoce em crianças com autismo: Modelo Denver para a promoção da linguagem, da aprendizagem e da socialização**. Lisboa: Lidel, 2024.

WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era**. São Paulo: Contexto, 2019.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.